



**A ATUAÇÃO DE
MULHERES NEGRAS
NA 68ª CSW**

ficha técnica

Organização

Natália de Sena Carneiro

Revisão

Layne Gabriele

Autores

Amanda Laysi Pimentel dos Santos

Carolina Almeida

Elida de Aquino

Iradj Eghrari

Leticia Leobert

Maria Sylvia Oliveira

Natália de Sena Carneiro

Patrícia Oliveira de Carvalho

Organizações Parceiras

Casa Sueli Carneiro

Criola

Geledés - Instituto da Mulher Negra

Realização

Geledés - Instituto da Mulher Negra

Apoio

Ford Foundation - Brasil

Projeto Visual

KK Santos Filho-SenDigital



Realização



Julho/2024

SU- mário

07

Introdução

09

A educação para incidência política internacional como ferramenta na superação das barreiras racistas institucionais

11

A costura intergeracional como estratégia de incidência na 68ª CSW

15

A desconstrução do racismo patriarcal cisheteronormativo por meio de incidência feita por mulheres negras: a experiência de Criola na CSW68

19

A Luta pela Inclusão de Mulheres Negras nos Espaços de Decisão Global

23

Empoderamento Econômico de Mulheres Negras: Geledés na 68ª CSW

27

Uma formação exitosa

29

Depoimentos

introdução

Esta cartilha tem como objetivo apresentar os principais esforços de organizações de mulheres negras que marcaram a 68ª Sessão da Comissão da ONU sobre a Situação das Mulheres (CSW), entre os dias 11 e 22 de março de 2024, na sede da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova Iorque (EUA). O fórum deliberou sobre “O Empoderamento Econômico das Mulheres no Mundo do Trabalho em Mudança”. A participação ativa de organizações como Geledés - Instituto da Mulher Negra, Criola e Casa Sueli Carneiro foi resultado de treinamentos intensivos realizados desde outubro de 2023, que preparou essas organizações para uma atuação eficiente nos mecanismos internacionais, além de atuar na sala de negociação para intervir no relatório final da CSW.

Os esforços contínuos das organizações citadas acima garantiram que a voz das mulheres negras estivesse representada nos documentos oficiais da CSW. Isso resultou na inclusão do parágrafo 35 do documento final do fórum. Além disso, durante eventos paralelos e intervenções ao longo da CSW, a sociedade civil mostrou a importância de uma articulação dialogada com parceiros estratégicos para influenciar na atuação dos representantes de Estado.

A atuação na CSW não foi apenas uma presença física e intelectual, mas também uma oportunidade para influenciar positivamente as políticas e compromissos dos Estados Membros em relação à igualdade de gênero e a promoção da autonomia das mulheres e meninas afrodescendentes. Esta cartilha detalha essas conquistas e destaca a relevância do trabalho contínuo para promover a igualdade de gênero e a inclusão das mulheres afrodescendentes nos espaços de decisão internacionais. Confira:



A **educação** para incidência política internacional como ferramenta na **superação** das barreiras **racistas** institucionais

por Carolina Almeida¹

¹ Filósofa, internacionalista, cientista política, mestre e doutoranda em ciências Sociais com ênfase em estudos migratórios e América Latina. Atua como assessora e consultora internacional de Geledés, para os mecanismos de tratados, questões migratórias, W20 e C20. Atualmente é co-facilitadora do GT8 do C20.

A educação é uma das ferramentas mais poderosas para a superação das barreiras racistas institucionais, especialmente no contexto da incidência política internacional que se propõe a enfrentar a discriminação racial e de gênero contra as mulheres negras. Para compreender essa importância, é fundamental reconhecer que os espaços de articulação política internacional são altamente elitizados, incluindo o espaço das Nações Unidas, mesmo no contexto da CSW - 68ª edição. São necessários vários passos burocráticos apenas para que se possa adentrar fisicamente as premissas da ONU, além de múltiplas competências para se inserir, apresentar e desenvolver debates qualificados sobre temas essenciais para combater a discriminação e a invisibilização das mulheres negras.

Nesse sentido, a educação, por meio de capacitação, tem se mostrado uma ferramenta importante que habilita as mulheres negras a operar e obter resultados nesses espaços. Destaco, no entanto, que isso não significa se adequar ao modelo diplomático e limitante do espaço ONU-CSW, que muitas vezes é avesso à natureza orgânica e combativa da sociedade civil. Pelo contrário, trata-se de estarmos aptos a tirar o melhor proveito do ainda tímido espaço que nos é concedida a participação.

A educação para incidência foi essencial para que soubéssemos operar nesses espaços com a mesma qualidade que outros atores internacionais, que possuem maior peso político decisório no contexto da CSW e arcabouço institucional mais robusto, como Estados-membros ou organizações transnacionais. Por isso, foi importante identificar que a incidência eficaz neste contexto demandava participar da negociação para a operacionalização de propostas em documentos oficiais. Essa operacionalização permite que temas essenciais para as mulheres negras sejam incluídos e transformados em proposições concretas.

Para tanto, a articulação dialogada com parceiros estratégicos, sejam outras organizações da sociedade civil, instituições governamentais ou até outros países, por meio do side event proposto, como já mencionado, por Geledés a respeito do empoderamento econômico das mulheres afrodescendentes, por exemplo, se mostrou uma ferramenta valiosa para garantir que gênero e raça fossem adequadamente abordados e que as políticas públicas resultantes sejam efetivas e sustentáveis.

Em conclusão, a operacionalização desses espaços para a obtenção de conquistas concretas só é possível graças à formalização e compartilhamento de conhecimentos para atuar nesses espaços. A educação é, portanto, essencial para que as mulheres negras superem barreiras racistas institucionais e participem de forma eficaz nos fóruns internacionais e espaços de decisões.

Lembrando que, embora desafiadores e elitizados, esses espaços podem ser transformados por meio de formação adequada, mapeamento de dificuldades e oportunidades, e parcerias estratégicas. Com a educação, nós, mulheres negras, podemos acessar e influenciar diretamente as políticas e práticas que afetam nossas vidas e comunidades.



A costura **intergeracional** como **estratégia** de incidência na **68ª CSW**

Por Leticia Leobet¹

¹ Leticia Leobet é Cientista Social com ênfase em Antropologia, formada pela Universidade Federal do Paraná. Atualmente, atua como assessora internacional em Geledés Instituto da Mulher Negra, engajada nas agendas de justiça climática e desenvolvimento sustentável, além de ser ativista do movimento negro.

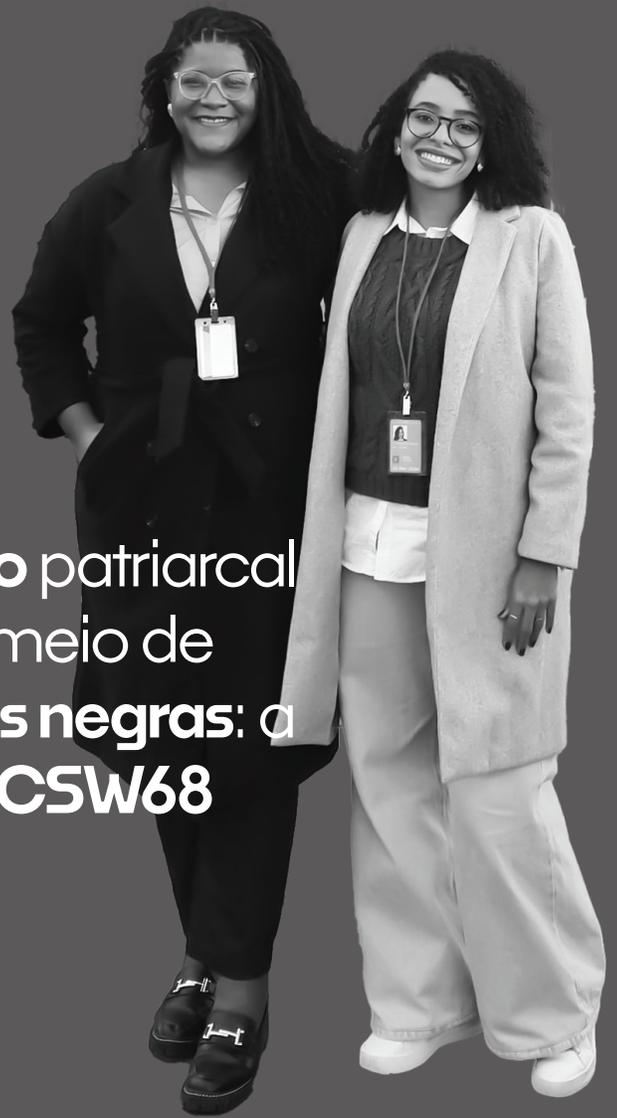
A participação de Geledés na CSW marcou um ponto crucial para a organização em termos de projeção internacional. Nossa presença em Nova York contou com uma delegação composta não apenas pelas diretoras e fundadoras que têm uma vasta experiência nessas arenas de debate, mas também pelos novos membros que têm se envolvido recentemente nas questões de incidência internacional. Essa dinâmica intergeracional proporcionou uma atuação que harmonizou eficazmente os conhecimentos e experiências das mulheres mais experientes com as estratégias e o entusiasmo das mulheres mais jovens.

Embora os espaços destinados à participação da sociedade civil na Comissão sobre a Situação da Mulher (CSW) sejam notoriamente limitados, desenvolvemos uma estratégia para influenciar o posicionamento do Governo Brasileiro, assegurando a representação precisa das mulheres e meninas afrodescendentes. Durante nossas intervenções junto à Organização das Nações Unidas (ONU), reconhecemos a importância do processo de formulação linguística nas negociações e documentos, pois estes não apenas moldam as políticas, mas também refletem os compromissos dos Estados Membros. Nesse sentido, buscamos estabelecer diálogos prévios com o Itamaraty, especialmente com o diplomata designado para a missão em questão, enviando recomendações relevantes antecipadamente.

Na plenária da CSW, intitulada “Acelerando a conquista da igualdade de gênero e o empoderamento de todas as mulheres e meninas ao abordar a pobreza e fortalecer as instituições e o financiamento com uma perspectiva de gênero”, identificamos a oportunidade dos Estados Membros se pronunciarem. Imediatamente, interpelamos o diplomata brasileiro presente, Rodrigo Barenho, sobre a posição do Brasil. Ele esclareceu que, naquele momento, o Brasil não havia programado um pronunciamento. Prontamente, oferecemos um texto sugerido, o qual foi adaptado pelo diplomata e proferido durante a plenária. O pronunciamento, enfatizando as contribuições da Geledés - Instituto da Mulher Negra e da Casa Sueli Carneiro, foi o seguinte:

“Caros colegas, permitam-me começar abordando diretamente a nossa palestrante nacional: Samara (representante indígena brasileira), seu país a escuta e tem orgulho da sua participação aqui. Obrigado. O Brasil se orgulha de ser um país aberto à sua sociedade civil e aos seus delegados jovens, em toda sua diversidade. Parabenizamos a ONU Mulheres pela diversidade deste painel e agradecemos a todas as nossas organizações da sociedade civil que estão mostrando o poder e o potencial das mulheres brasileiras aqui na CSW. No entanto, nosso orgulho em nossa juventude ainda precisa ser traduzido em garantir que toda a juventude tenha todas as oportunidades para desenvolver seu potencial, em todo o mundo. Para alcançar esse objetivo, precisamos não apenas entender as necessidades dos jovens, mas também como eles interagem com múltiplas interseccionalidades. No Brasil, jovens mulheres afrodescendentes muitas vezes são impedidas de obter educação devido à necessidade de prover e cuidar de suas famílias. Como apontado por Samara, outros desafios, como saúde e particularmente saúde mental, são especialmente preocupantes para jovens indígenas, em particular mulheres e meninas. Em termos de política pública, esse tipo de interseccionalidade expressa uma clara necessidade: construir a igualdade de gênero como um esforço transversal que não deixe ninguém para trás, especialmente populações já afetadas por múltiplos impulsionadores de vulnerabilidade. Jovens afrodescendentes e povos indígenas devem ser ouvidos e receber a visibilidade que merecem em todos os processos políticos, onde quer que estejam no mundo. Desde a garantia de sistemas de cotas em universidades públicas por mais de 20 anos, até a criação de Ministérios especificamente dedicados a políticas para povos indígenas, mulheres e igualdade racial, entre outras ações afirmativas, o Brasil está comprometido em atuar de maneira transversal e interseccional para garantir que todos os nossos jovens tenham as oportunidades necessárias para alcançar seu pleno potencial. Isso me leva ao meu segundo ponto: em setembro, espera-se que a ONU entregue um Pacto para o Futuro, que tem um capítulo exclusivamente dedicado à juventude. Embora seja importante aproveitar essa oportunidade para promover sua participação política, esta sessão nos mostra claramente que os jovens precisam de muito mais do que isso. Como ouvimos, seus desafios variam de necessidades de acessibilidade e discriminação à falta de oportunidades econômicas e acesso a serviços públicos e cultura. Portanto, aproveitamos esta oportunidade para convidar todos os Estados membros a construir juntos um Pacto para o Futuro que possa projetar um caminho claro para um futuro melhor para nossa juventude, especialmente aqueles que têm sido constantemente deixados para trás, a maioria dos quais no Sul Global. Também gostaríamos de pedir aos nossos participantes: se você pudesse escolher uma recomendação para ser incluída no Pacto para o Futuro, qual seria? Agradeço-lhes. recomendação para ser incluída no Pacto para o Futuro, qual seria? Agradeço-lhes.”

O pronunciamento sublinha a importância da participação ativa e qualificada da sociedade civil em fóruns internacionais como a CSW. Tal engajamento é essencial para assegurar que as vozes das comunidades historicamente marginalizadas sejam não apenas ouvidas, mas também devidamente consideradas para atender às suas necessidades. A incidência efetiva da sociedade civil desempenha um papel crucial ao pressionar os Estados Membros para que articulem nossas demandas e requisitos específicos, contribuindo para romper com o conceito de uma mulher universal e promovendo compromissos públicos com nossas agendas. Somente por meio deste processo é possível transcender a invisibilidade e garantir a implementação de políticas e normativas que visem melhorar efetivamente a qualidade de vida da população afrodescendente, especialmente das meninas e mulheres.



A desconstrução do **racismo** patriarcal
cisheteronormativo por meio de
incidência feita por **mulheres negras**: a
experiência de Criola na **CSW68**

Amanda Laysi Pimentel dos Santo¹s , Élda de Aquino Batist²a , Patrícia Oliveira de
Carvalho³

-
- 1 Assistente de Coordenação e Incidência Política
 - 2 Coordenadora de Comunicação
 - 3 Assistente de Coordenação e Incidência Política

Criola é uma organização brasileira da sociedade civil, fundada e conduzida por mulheres negras desde 1992, com a missão de erradicar o racismo patriarcal cisheteronormativo, instrumentalizando mulheres negras – jovens e adultas, trans e cis – para enfrentamento das graves desigualdades raciais que atingem prioritariamente meninas e mulheres negras.

Em sua trajetória institucional, organiza as ações políticas através da produção de conhecimento qualificado sobre o contexto dos direitos de meninas e mulheres negras, da formação de lideranças negras aptas a elaborar suas agendas de demandas por políticas públicas, da condução de processos de interlocução com gestores públicos, do incremento da pressão política sobre governos e demais instâncias públicas pela efetivação de direitos – particularmente o direito à saúde, acesso à justiça e à equidade de gênero, raça, identidade de gênero e orientação sexual.

Como parte de seus objetivos estratégicos, dedica-se igualmente a desenvolver uma estratégia de incidência política a partir de estudos, monitoramento de indicadores sobre o espaço cívico, oferta de formações, produção de pagens e relatórios temáticos, coordenando suas ações de incidência política no sistema de justiça nacional, no sistema ONU e junto à Organização dos Estados Americanos (OEA), sob distintas perspectivas. Esta estratégia intenciona fortalecer os direitos de meninas e mulheres negras trans e cis, suas atuações na luta por direitos, bem como subsidiar organismos dos sistemas de proteção de direitos humanos, nacionais e internacionais, com recomendações, protocolos e outros órgãos que ampliem as responsabilidades do governo brasileiro na construção de garantia dos direitos e cidadania plena para essas meninas e mulheres.

Visando fortalecer e qualificar essa atuação, a organização ofereceu, em setembro de 2023, e participou, em 2023 e 2024, das formações em incidência política internacional oferecidas às organizações da sociedade civil, com apoio da Fundação Ford. Este espaço mostrou-se precioso, especialmente por aprofundar os conhecimentos sobre diferentes oportunidades de incidência política, imersas em coletividade e colaboração, contando com o

compartilhamento de experiências e ideias vindas de parceiras e parceiros. Como etapa preparatória para a participação de Criola na CSW68, destaca-se a possibilidade de visualizar em conjunto os pontos necessários para garantir o avanço de pautas caras às meninas e mulheres negras e, além disso, antecipadamente, programar detalhado mapeamento de atividades e articulações que precederam o evento e continuaram durante as duas semanas de participação.

Nesse período, Criola atuou mais uma vez para que a situação das mulheres negras fosse considerada, dessa vez de forma específica no âmbito da “superação da pobreza e fortalecimento das instituições e financiamento com perspectiva de gênero”, tema que norteou as discussões deste encontro.

Colocando em prática aspectos técnicos acerca da negociação das conclusões acordadas, esteve presente nas sessões de discussão do documento final e dialogou diretamente com negociadores de diversos países chamando atenção para a flagrante omissão no texto proposto em relação às mulheres negras. Como aprendizado, destaca-se a importância de incidir não apenas junto ao Brasil, mas buscar dialogar com países que reconheceriam a importância da demanda apresentada (como Cuba e África do Sul) e ainda com países que estrategicamente poderiam ratificar a alteração do texto (como Estados Unidos e Portugal). A articulação com as outras organizações integrantes da delegação brasileira foi também um aspecto relevante para os planos adotados.

Como resultado vitorioso para todas as meninas e mulheres negras, ocorreu a inclusão de um parágrafo específico nas conclusões acordadas, reconhecendo seu importante papel no desenvolvimento das sociedades e firmando o compromisso de garantir a “participação plena, igualitária e significativa e a tomada de decisões das mulheres negras em todos os aspectos da sociedade, inclusive ao abordar a pobreza e fortalecer instituições e financiamento com uma perspectiva de gênero”.

Criola reafirma sua missão e congratula as ações de incidência política lideradas por mulheres negras que alcançaram a materialização no texto do parágrafo 35, como compromisso e como recomendação ONU, uma diretriz para a construção de políticas públicas que impactará a vida de meninas e mulheres negras cis e trans de todo o Brasil.



A Luta pela Inclusão de Mulheres Negras nos Espaços de Decisão Global

Por Natália Carneiro¹

¹ Natália Carneiro é jornalista e diretora da Casa Sueli Carneiro

Ao examinarmos o documento desta edição da Comissão sobre a Situação da Mulher (CSW), constatamos um retrocesso na linguagem utilizada, que não reconheceu as mulheres negras como protagonistas com conhecimentos econômicos capazes de promover o empoderamento econômico. O empoderamento econômico das mulheres foi o tema central das deliberações da CSW, debatido por representantes de diversas regiões. Contudo, no documento oficial, as mulheres negras não foram devidamente representadas.

Identificamos brechas no documento que nos permitiram propor alterações em um parágrafo que seria aprovado pela plenária da CSW. Destacamos um trecho do documento existente, que incluía mulheres e meninas indígenas no debate. Este trecho foi fundamental para nossa demanda, pois serviu de base para que algo similar fosse incluído em referência às mulheres afrodescendentes:

Mulheres e meninas indígenas

A Comissão enfatiza a importância do empoderamento e capacitação das mulheres e meninas indígenas, e na alocação de recursos que visem o seu bem-estar, especialmente nas áreas de erradicação da pobreza, educação de qualidade e inclusiva, serviços de saúde, serviços financeiros, tecnologias de informação e comunicação, infraestrutura, serviços públicos, emprego, trabalho decente e recursos econômicos, incluindo terra e recursos naturais. Além disso, destaca a importância de promover a consciência e compreensão de seus direitos e garantir a participação plena, igualitária e significativa das mulheres e meninas indígenas no desenvolvimento de políticas e programas, bem como na economia e na transmissão de conhecimentos tradicionais, científicos e técnicos, idiomas e tradições e práticas espirituais e religiosas, e processos de tomada de decisão em todos os níveis e em todas as áreas, incluindo por meio de tecnologias digitais, assim como emprego produtivo e trabalho decente para mulheres indígenas

Este parágrafo validava nossa demanda para que algo similar fosse incluído referindo-se às mulheres afrodescendentes, pois até então, o documento estava negligenciando estatísticas fundamentais sobre as desigualdades socioeconômicas enfrentadas por mulheres negras. Ao abordar a questão do

empreendedorismo econômico, observamos que não seria eficaz focar exclusivamente no poder econômico, visto que as mulheres afrodescendentes ainda não são economicamente emancipadas nem reconhecidas como forças motrizes da economia. No contexto brasileiro, a presença da mulher negra na sociedade pode ser avaliada sob duas perspectivas distintas.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indicando que 8% das mulheres negras vivem em situação de extrema pobreza. Muitas delas são chefes de família, carregando o peso de sustentar seus lares e promovendo o básico para garantir o sustento de seus familiares. Por outro lado, há mulheres negras que não apenas geram riqueza para si mesmas por meio de seus trabalhos, mas também sustentam lares e impulsionam o desenvolvimento de comunidades em diferentes regiões. Apesar de suas contribuições, elas frequentemente não são reconhecidas como detentoras e geradoras de riqueza.

Reconhecendo a necessidade de impulsionar a emancipação econômica das mulheres afrodescendentes, identificamos a importância de destacá-las como uma força no documento oficial. Todo o trabalho e articulação da sociedade civil, com a participação de organizações como Geledés - Instituto da Mulher Negra, Criola e Casa Sueli Carneiro, foram essenciais para sensibilizar o Estado brasileiro sobre a importância de fortalecer a presença das mulheres e meninas negras no debate e no documento.

Nossa primeira proposta enquanto sociedade civil para a alteração do documento foi:

“ A Comissão reconhece também que o empoderamento e o investimento nas meninas, especialmente nas raparigas indígenas e nas raparigas de ascendência africana, são fundamentais, nomeadamente para a erradicação da pobreza em todas as suas formas e dimensões, incluindo a pobreza extrema, e que o fortalecimento da sua voz, agência e liderança são fatores-chave para quebrar o ciclo de desigualdade de gênero e para eliminar formas múltiplas e interligadas de discriminação, violência e pobreza, promovendo e protegendo o pleno gozo dos seus direitos humanos e liberdades fundamentais. A Comissão reconhece ainda que a capacitação das raparigas exige a sua participação ativa, com o apoio das gerações mais velhas de mulheres, nos processos de tomada de decisão e como agentes de mudança nas suas próprias vidas e comunidades, garantindo a participação plena, igual e significativa de todas as mulheres e raparigas no desenvolvimento de políticas e programas, bem como na economia e nos processos de tomada de decisão a todos os níveis e em todas as áreas, incluindo através de tecnologias digitais, e do emprego produtivo. ”

No dia 22 de março, a representante do Estado brasileiro sugeriu em plenária, a inclusão do parágrafo abaixo. O texto foi aprovado por outros países e incluído no documento final da CSW. Confira:

“A Comissão também reconhece a significativa contribuição das mulheres e meninas de ascendência africana para o desenvolvimento das sociedades, e a importância de garantir a participação plena, igualitária e significativa, assim como a tomada de decisões, das mulheres de ascendência africana em todos os aspectos da sociedade, incluindo o combate à pobreza e o fortalecimento das instituições e do financiamento com uma perspectiva de gênero. ”

O trabalho em questão, além de envolver as organizações previamente mencionadas, contou também com a participação ativa das Católicas pelo Direito de Decidir, do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher e das secretarias estaduais das Mulheres da Paraíba e Alagoas. É crucial ressaltar que esta conquista e o sucesso alcançado só se tornaram possíveis graças à articulação e engajamento de um movimento organizado, bem como à participação ativa da representante do Estado brasileiro, que desempenhou um papel crucial nas negociações com outros estados, culminando na aprovação do documento ao término do fórum.

Empoderamento Econômico de Mulheres Negras: Geledés na 68ª CSW



Maria Sylvia de Oliveira¹

A Comissão sobre o Estatuto da Mulher (CSW) é uma instituição das Nações Unidas, estabelecida em 21 de junho de 1946, pela Resolução 11 (II) do Conselho Econômico e Social (ECOSOC). Desde 1977, realiza sessões anuais em março, coincidindo com o reconhecimento oficial do Dia Internacional da Mulher pela ONU, celebrado em 8 de março. A CSW é o principal órgão intergovernamental global dedicado à promoção dos direitos das mulheres, seu empoderamento e a igualdade de gênero, constituindo o maior evento global focado nas mulheres. Uma de suas funções é elaborar relatórios com recomendações ao ECOSOC para garantir esses direitos nas áreas educacional, civil, social, econômica e política.

Desde a IV Conferência Mundial sobre a Mulher, realizada em Beijing, China, em 1995, cujo tema central foi “Ação para a Igualdade, o Desenvolvimento e a Paz”, a Comissão sobre o Estatuto da Mulher (CSW) tem monitorado de perto a implementação do Plano de Ação de Beijing. Comprometida firmemente com a defesa dos direitos das mulheres como direitos humanos, a CSW desenvolve ações específicas para assegurar o respeito e a promoção desses direitos. Além disso, a CSW desempenha um papel fundamental na formulação de recomendações para a promoção da igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres em âmbito global.

Durante onze dias, líderes governamentais, organizações estatais, organizações da sociedade civil, organizações feministas, membros das Nações Unidas e acadêmicos reuniram-se para debater questões econômicas com o objetivo de acelerar a conquista da igualdade de gênero e o empoderamento de todas as mulheres e meninas, abordando a pobreza e fortalecendo as instituições e o financiamento com uma perspectiva de gênero.

A preocupação deste comitê com as questões econômicas, que estão diretamente relacionadas ao tema da pobreza, é plenamente justificável. Segundo dados do Conselho Econômico e Social das Nações Unidas, “10,3% das mulheres no mundo vivem em extrema pobreza”.

Conforme o documento da 68^a sessão da CSW, se essa tendência persistir, em 2030, 8% das mulheres e meninas em todo o mundo, aproximadamente 342 milhões de pessoas, continuarão vivendo com menos de 2,15 dólares por dia².

Geledés - Instituto da Mulher Negra levou para a 68^a CSW a perspectiva racial. Durante o fórum, o Instituto organizou um evento paralelo sobre o empoderamento econômico de mulheres negras, com a participação da socióloga e Primeira-dama do Brasil, Janja Lula da Silva; da ministra das Mulheres, Aparecida Gonçalves; da ministra de Igualdade Racial, Anielle Franco; da diplomata do Itamaraty, Rafaela Fontes; da deputada federal Benedita da Silva; da diretora de Geledés e coordenadora da área de Formação, Cuidado e Emancipação, Nilza Iraci; e da diretora de Geledés e coordenadora da área de Gênero, Raça e Equidade, Maria Sylvia de Oliveira.

O evento teve como objetivo debater os desafios para o empoderamento econômico de mulheres negras, os impactos das questões cruciais relacionadas à (in)visibilidade de raça, à pobreza intergeracional e os desafios para a construção de estratégias que possibilitem a emancipação econômica e financeira de mulheres negras, fugindo da armadilha da narrativa mercadológica do empreendedorismo, que não tem conexão com a realidade social dessa parcela da população.

Afinal, essas mulheres enfrentam interseções únicas de discriminação e marginalização, baseadas em sua raça e gênero. Buscar a emancipação econômica e financeira de mulheres afrodescendentes é um passo importante para acelerar a conquista da igualdade de gênero e o empoderamento de todas as mulheres e meninas, além de diminuir a pobreza, fatores que impactam de forma desproporcional as mulheres e meninas afrodescendentes.

As atividades foram intensas durante as duas semanas de março de 2024, com reuniões paralelas envolvendo representantes do governo e do Itamaraty, responsáveis por levar as demandas das mulheres para as negociações das sessões da CSW.

1 Comisión de la Condición Jurídica y Social de la Mujer 68° período de sesiones. Nueva York, 11 a 22 de marzo de 2024; Tema 3 a) del programa provisional* Seguimiento de la Cuarta Conferencia Mundial sobre la Mujer y del vigésimo tercer período extraordinario de sesiones de la Asamblea General, titulado "La mujer en el año 2000: igualdad entre los géneros, desarrollo y paz para el siglo XXI": consecución de los objetivos estratégicos, adopción de medidas en las esferas de especial preocupación y medidas e iniciativas ulteriores.

2 Idem

Ocorreram também eventos paralelos organizados por organizações governamentais e pela sociedade civil de todo o mundo, além de reuniões de nossa equipe para desenvolver estratégias de incidência no documento final da CSW.

A agenda da CSW foi estruturada em mesas-redondas ministeriais sobre o tema prioritário, discussões gerais e diálogos interativos sobre o tema de revisão. Geledés participou ativamente dessas discussões, como no ponto 3: “Mobilização de financiamento para a igualdade de gênero e o empoderamento de todas as mulheres e meninas: Políticas e estratégias para acabar com a pobreza das mulheres e meninas”. Nesse contexto, a diretora Maria Sylvia de Oliveira fez uma apresentação oral, destacando as políticas e estratégias necessárias para alcançar esses objetivos.

“ Na urgente luta contra a discriminação racial e étnica, especialmente na defesa das mulheres afrodescendentes, é fundamental incorporar uma perspectiva antirracista na agenda pública, incluindo políticas de reconhecimento e reparação. À luz disso, há uma necessidade urgente de incorporar a realidade da desigualdade racial e suas causas subjacentes nas políticas econômicas, nas políticas de desenvolvimento e nos programas de ajuste macroeconômico. Isso envolve um exame minucioso dos impactos potencialmente positivos e negativos sobre as pessoas de ascendência africana. Nesse sentido, comprometer-se com a emancipação econômica das mulheres afrodescendentes é um passo fundamental para enfrentar a desigualdade racial e de gênero. Essa emancipação não só melhora o próprio padrão de vida e o de suas famílias, mas também amplifica suas vozes, fomentando a criação de sociedades mais justas e inclusivas. Nesse sentido, os Estados devem se comprometer a implementar uma reorientação geral das estratégias dos bancos públicos de desenvolvimento, colocando o desenvolvimento econômico da população afrodescendente como uma de suas principais prioridades. Essas novas estratégias devem incluir o aumento de recursos para a qualificação de afrodescendentes, sempre considerando sua dimensão de gênero, a fim de ingressar em um mercado competitivo onde elas estão sub-representadas; promover a abertura e o fortalecimento de empresas lideradas por afrodescendentes, permitindo-lhes o acesso à economia formal, ao crédito e ao crescimento e emprego dos trabalhadores”
(Maria Sylvia de Oliveira, 2024).

A presença significativa de mulheres negras brasileiras na CSW evidencia a importância de sua participação nos processos de poder e decisão em organismos multilaterais. Além disso, sublinha a necessidade de uma abordagem abrangente das interseções entre raça e gênero nos esforços para alcançar a igualdade de gênero e o fortalecimento das mulheres. Reconhecer as experiências e os obstáculos específicos enfrentados por mulheres negras é fundamental para desenvolver políticas e programas mais eficazes, destinados a promover seu empoderamento econômico e social. Essa iniciativa não apenas beneficia diretamente as mulheres negras, mas também contribui para a construção de sociedades mais justas e inclusivas em todo o mundo.



Uma **formação** exitosa

Por Iradj Eghrari

Nós tivemos um conjunto de treinamentos apoiado pela Fundação Ford. Eu tive a oportunidade de ser o facilitador desses treinamentos, que foram realizados para a participação na CSW. Diversas organizações negras participaram desses treinamentos. Nós tivemos duas oportunidades online e, depois, uma terceira oportunidade aqui em Nova York, antes do início da CSW.

Nos reunimos no domingo anterior ao primeiro dia da CSW, que foi uma segunda-feira. Durante essa reunião, discutimos nossas estratégias de ocupação de espaços dentro da CSW: quais os momentos de negociação de texto em que gostaríamos de estar presentes, quais os momentos de atividades paralelas, quais seriam as falas, e quais as oportunidades de realizar alguma incidência. Tudo isso foi planejado nesse terceiro módulo.

Sinto que o treinamento foi extremamente exitoso. Tivemos alguns sinais de incidência das organizações, que me sinto obrigado a destacar. Um exemplo foi quando as representantes da Casa Sueli Carneiro e Geledés se aproximaram de um diplomata brasileiro numa sessão sobre juventude e mulheres jovens. Elas conseguiram convencer o diplomata a apresentar praticamente na íntegra o texto que haviam trabalhado.

Outro momento interessante foi quando as colegas da Criola estavam na sala de negociação, trocando ideias em grupo e fazendo incidência no texto, junto com Geledés e Casa Sueli Carneiro. Destaco aqui a Criola, pois as integrantes participaram do treinamento e, a partir dele, entenderam a dinâmica de estar na sala de negociação e conseguiram incidir no texto e se aproximar da diplomacia brasileira.

A ideia do treinamento, apoiado pela Fundação Ford, foi mostrar que ele funciona. Você chega numa sala de negociação, conversa com uma ou um diplomata, consegue apresentar suas ideias e sai de lá vitoriosa, pois influenciou o processo. Esse treinamento permitiu que as participantes soubessem onde ir, o que fazer e como incidir, obtendo resultados significativos.

Isso nos deixa muito felizes com o processo de treinamento, capacitação e incidência no campo internacional.

depoimentos

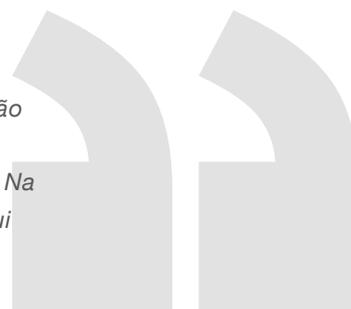


Olá, eu sou Élide de Aquino, coordenadora de comunicação em Criola, e para nós é muito importante ter participado do treinamento de incidência política, principalmente pela ação aqui em campo durante essas duas semanas de CSW. Pensando na negociação para o documento final, acompanhar as negociações para a linguagem, ver as movimentações nos países e, principalmente, dentro do Brasil e no bloco do qual fazemos parte, o Grupo de Buenos Aires.

O treinamento foi essencial para nossa participação e compreensão de todos os trâmites e processos para que esse documento se torne real.”

Olá, eu sou Patrícia Oliveira, sou assistente de coordenação de projetos em Criola, e poder falar do treinamento que recebemos para chegar aqui na CSW é um grande prazer. Na verdade, o treinamento possibilitou que chegássemos aqui com uma visão muito mais clara do evento.

Pudemos chegar com uma estratégia já desenhada e nos posicionar à medida que os eventos e acontecimentos se desenrolavam diante de nós. Então, não tenho dúvidas de que a participação no treinamento fez toda a diferença para que pudéssemos atuar com mais clareza e eficácia na CSW 68.”





Eu sou Maria Sylvia, diretora de Geledés, e eu queria só dizer que o treinamento da Ford, para que nós estivéssemos aqui na CSW, foi bastante importante para que a gente entendesse as estruturas de funcionamento desta comissão social e jurídica da mulher dentro da ONU.

O treinamento nos ajudou a compreender como funcionam as negociações, os diálogos interativos e os eventos paralelos dentro desta estrutura. No entanto, as negociações para o que gostaríamos de ver incluído no documento final é um processo que se inicia muito antes da CSW.

Então, esta formação da Ford e estar aqui na CSW 68 em 2024 é um grande aprendizado para que possamos avançar nas nossas discussões sobre questão racial e gênero para as próximas CSW.

Olá, eu sou Letícia Leobet, de Geledés - Instituto da Mulher Negra. Estou aqui na CSW com a delegação de Geledés. Antes de estar aqui, passamos pela experiência de uma formação sobre o que é a CSW para que pudéssemos entender melhor a importância desse evento e também para que pudéssemos nos instrumentalizar em relação à nossa atuação e nossa incidência.

A CSW é um espaço muito diverso, então você tem desde eventos paralelos e discussões paralelas, mas também alguns temas que são centrais e estão em processo de negociação. Os nossos esforços aqui, assim como em outros espaços da ONU, têm sido para visibilizar as mulheres afrodescendentes nessa discussão de gênero.

Nós também realizamos um evento paralelo, trazendo a discussão para a centralidade sobre o empoderamento econômico das mulheres afrodescendentes. Além disso, houve um outro momento importante, que foi a possibilidade de reivindicarmos junto ao Itamaraty que fizesse um pronunciamento numa discussão sobre juventude, trazendo mais uma vez a importância de que a juventude afrodescendente e as mulheres afrodescendentes jovens estejam nos espaços de discussão, nos espaços de negociação e sejam consideradas dentro dos posicionamentos e documentos da ONU.



A Casa Sueli Carneiro vem participando dessa série de treinamentos sobre incidência internacional. Esta é nossa segunda incidência internacional; tivemos a primeira na COP 28. Desta vez, a partir do treinamento, acho que conseguimos grandes feitos para incidir politicamente aqui na CSW.

Um deles foi pensar na emancipação econômica das mulheres afrodescendentes. Esse termo foi sugerido pela Casa Sueli Carneiro dentro dos nossos treinamentos sobre incidência internacional. Estando aqui na CSW, conseguimos realizar dois processos de intervenção: um com representante do Itamaraty e o outro fazendo questionamento à Ministra das Mulheres, Cida Gonçalves.

Então, o processo de treinamento com organizações que estão começando agora nas incidências políticas tem sido um fio condutor muito importante para a Casa Sueli Carneiro. A partir disso, conseguimos entender os mecanismos da ONU e saber como podemos incidir em determinados espaços - Natália Carneiro

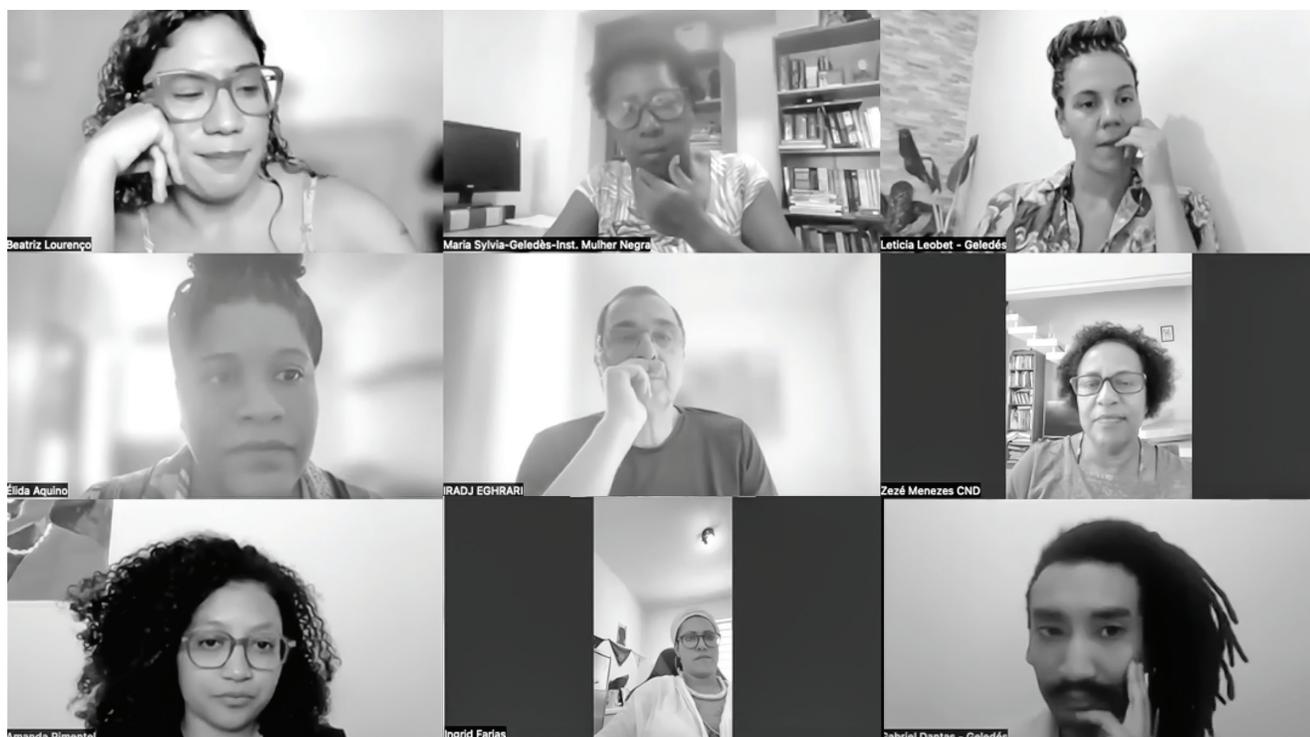
Treinamento CSW

módulo I e II



Treinamento Ford/Iradj Eghrari CSW

módulo I



Treinamento Ford/Iradj Eghrari CSW

módulo II

